

7) Buscar a Deus

Aquilo que São Bento nos propõe na sua Regra é a imitação de Cristo na sua obediência ao Pai, como âmbito da restauração da imagem de Deus em nós.

Unido a este âmbito está também o aspecto da busca de Deus. Se o homem é imagem de Deus, o desejo de aderir ao seu Modelo faz parte de sua natureza, sobretudo depois que o pecado ofuscou esta imagem e tornou estranha, ao homem, a comunhão com o seu Criador. Buscar a Deus, para o homem criado à sua imagem, significa buscar sua identidade mais profunda, buscar quem ele é realmente.

É interessante notar que nas quatro repetições do verbo "buscar – *quaerere*" na Regra de São Bento, dois referem-se a Deus que busca o homem e dois ao homem que busca Deus.

No Prólogo, Deus é descrito como aquele que procura "o seu operário", fazendo a pergunta que conhecemos bem: "Quem é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" (Pról. 14-15).

Não procura um operário para um trabalho, mas para colaborar com sua obra mais sublime: a criação do próprio homem. Buscar um operário que trabalhe com Ele para completar, aquilo que queria realizar criando o homem à sua imagem. Buscar, portanto, um homem que quer encontrar a sua plenitude de humanidade tornando-se imagem viva e completa de seu Criador. Já o vimos sob diversos aspectos, mas aqui é importante sublinhar que o fato de ser imagem de Deus, antes de provocar ou exigir a nossa busca de Deus, leva Deus a buscar-nos por primeiro. E a buscar-nos como pertencentes a Ele, como criaturas que Lhe são próprias: Deus procura "o *seu* operário." Não nos procura como um objeto perdido, mas como um operário perdido, como um colaborador que falta à sua obra. E esta obra, Deus não pode realizá-la sozinho, sem o seu operário, porque a obra coincide com o seu operário, coincide com o homem. A obra de Deus é a Sua imagem no homem, uma obra que o homem não pode realizar sem Deus, mas nem Deus não pode realizar sem o homem.

O homem que quer a vida e deseja ver dias felizes, chega, portanto, a corresponder ao homem que quer que se cumpra em sí, a imagem de Deus que ele é, e ao homem que aceita colaborar com Deus para que isto se realize. A idéia do homem como "operário de Deus" é para se manter presente em nosso espírito, porque nos permite ler todo o aspecto ascético da Regra como colaboração do homem à obra do Criador. Deus descansou depois da criação do homem, mas podemos dizer que depois do pecado original, Deus não reposou até não ter procurado e reencontrado um homem disposto a continuar e completar, com Ele, a obra interrompida, quebrada; a obra de Deus expressa e contida no "Façamos" do "Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança" (Gn 1,26).

O operário, naturalmente, está submisso ao seu Senhor, deve obedecê-lo, mas ao mesmo tempo, quando trabalha na obra que faz o Senhor, é como se estivesse ao mesmo nível. Quando um chefe manda, o operário faz o trabalho, os dois não estão no mesmo nível. Porém, quando o chefe e operário trabalham ambos na mesma obra, do ponto de vista desta última, estão ao mesmo nível. A obra os une.

Dito isso, São Bento inicia imediatamente a descrever esta obra de realização do homem, imagem de Deus, citando sempre o Salmo 33: "Preserva a sua língua do mal, os lábios das palavras mentirosas. Fica longe do mal e faz o bem, busca a paz e segue-a" (Pról. 17; Sl. 33,14-15).

E quando o homem se coloca, assim, à obra, Deus revela-se a ele como seu colaborador, o seu correspondente, a Face, do qual, o homem é a imagem: "E quando tiveres feito isso, estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: 'Eis-me aqui'." (Pról. 18).

Toda a Regra descreve assim a obra que o operário de Deus é chamado a realizar com o seu Senhor, para que se restaure e realize a imagem de Deus nele. Basta pensar no capítulo 4, "Os instrumentos das boas obras." Ler toda esta lista pensando ao desejo de Deus de colaborar com o seu operário à obra da imagem de Deus, torna todos estes preceitos e estes conselhos menos estranhos, porque se trata de nós mesmos, da obra de Deus que somos chamados a ser e que devemos tornar. E para São Bento, tudo contribui para esta obra, tudo na vida do mosteiro faz parte da obra que colabora com Deus a nossa nova criação. Mesmo o trabalho manual, mesmo o mais banal serviço para comunidade, é parte integrante desta obra prioritária e fundamental. Por esta razão, tudo no mosteiro de São Bento deve ser feito com esta consciência, com reverência a Deus, com profundo respeito pelo homem, sua imagem em um canteiro de obras.

Tudo isto, portanto, no que diz respeito ao primeiro uso do verbo "buscar".

Deus busca seu operário. A esta busca faz eco o segundo uso deste verbo, no capítulo 2, sobre o Abade. Se Deus busca o homem para trabalhar com Ele, é importante que o responsável desta oficina, que é o mosteiro (cfr. RB 4,78), esteja também em busca, uma busca que reflete aquela de Deus. O abade deve, portanto, "buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça" (2,35; Mt 6,33). E com relação a que, deve dedicar-se nesta prioritária busca do Reino? Em favor das almas à ele confiadas, para que sejam salvas: "Antes de tudo não tenha em pouco a salvação das almas que lhe foram confiadas, do qual é responsável, para preocupar-se excessivamente das realidades, terrenas, transitórias e caducas" (2,33).

São justamente as almas que trazem gravadas nelas a imagem de Deus. O abade do mosteiro deve ser, um pouco, o primeiro dos operários que Deus busca trabalhar com Ele na criação e redenção da imagem de Deus, em cada homem. Nesse sentido é pastor e a sua obra é aquela do pastor que vigia sobre o rebanho.

"E assim, temendo sempre a futura apreciação do pastor acerca das ovelhas que lhe foram confiadas enquanto cuida das contas alheias, torna-se solícito para com a suas próprias, e enquanto com suas exortações subministra a emenda aos outros, consegue ele próprio emendar-se de seu vícios" (RB 2,39-40).

Para o abade, buscar o Reino de Deus significa também buscar a ovelha perdida. Este é o terceiro uso do verbo "buscar" na Regra, em um trecho que já vimos, a propósito do verbo "imitar": "Imite o pio exemplo do bom pastor que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, saiu a procurar uma única ovelha que desgarrara, de cuja fraqueza a tal ponto se compadeceu, que se dignou colocá-la em seus sagrados ombros e assim trazê-la de novo ao aprisco" (RB 27,8-9).

Aqui, como disse, é Deus que procura não mais seu operário, mas a sua obra,

a sua obra-prima perdida: o homem longe da sua imagem, porque longe do seu Modelo divino. Na compaixão para com os culpados e fracos, para com as "almas enfermas" (27,6), que são imagens de Deus ofuscadas, recobertas de sujeira, redescobrimos nós mesmos a imagem do Deus de Misericórdia, e ajudamos os outros a reencontrá-la na alegria do perdão.

O quarto uso do verbo "buscar" é o mais conhecido, onde São Bento pede ao mestre de noviços para verificar se o candidato à vida monástica "busca verdadeiramente a Deus – *si revera Deum quaerit*" (RB 58,7).

Contudo, muitas vezes não pensamos ao fato que é justamente no ato de buscar a Deus que o noviço, e cada monge, reflete em si o Deus que o busca. Ao Deus que busca "um homem que quer a vida e deseja ver dias felizes", portanto, um homem que quer ser plenamente humano, imagem de Deus, corresponde a um homem que busca verdadeiramente Deus, porque a vida e a alegria do homem é o próprio Deus, a plenitude de nossa humanidade está em Deus, é Deus, porque somos criados à sua imagem e semelhança.

Deus e o homem se buscam. Deus precisa do homem e o homem precisa de Deus. Eles precisam um do outro para realizar a mesma obra: a imagem de Deus no homem, para colaborar com o "Façamos" que Deus pronunciou em criar o homem. Esta obra, repito, Deus não pode realizá-la sem o homem, e o homem não pode realizá-la sem Deus.

Por isso, toda a nossa vida no mosteiro consiste no encontro destas duas buscas recíprocas, de Deus e do homem, que encontram paz, não tanto no repouso, mas na obra comum da nossa conversão, da restauração da imagem de Deus em nós, durante toda a nossa vida.

Quando pensamos sobre isso, cada aspecto da nossa vida, a oração, o trabalho, a vida comunitária, a solidão, o repouso, e assim por diante, torna-se importante, vital, até mesmo entusiasmante, porque tudo não é que constante colaboração com o Deus que nos busca, para realizar a obra da Sua imagem viva e amorosa em nós.